



MEC/IBC/DTE/DDI
ANO I
NÚMERO 4
ABRIL/2014



TROCANDO IDEIAS

PENSAMENTO, EDUCAÇÃO E ALTERIDADE

Anelice Astrid Ribetto é professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Psicologia pela Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, sua terra natal, mora no Brasil há doze anos, onde concluiu seu mestrado e doutorado, ambos na área da Educação, na Universidade Federal Fluminense. Atualmente coordena dois projetos de pesquisa e o Sub-projeto PIBID Pedagogia FFP/UERJ/CAPES, ministra aulas na graduação, no curso de Pedagogia, além da pós graduação *stricto sensu*, mestrado, na área da Educação.

Nesta conversa, temos a oportunidade de aproveitar os estudos e a pesquisa da professora na área da Educação Especial e a experiência de seu trabalho como docente na Escuela Especial Jerónimo Luis de Cabrera, na Argentina, além dos cursos que fez e ministrou e os artigos publicados na área, para refletir sobre a tão delicada - e necessária - relação entre pensamento, educação e alteridade.

O que significa pensar a educação a partir da perspectiva da alteridade?

O interessante nesta pergunta é uma composição que encontra três palavras-conceitos muito caras ao campo de estudos e trabalho no qual transito há uns vinte anos: pensamento, educação e alteridade. Mas mais do que dizer o que elas são, significam ou representam me parece que o grande desafio é entender o que há dentro dessas palavras (como Carlos Skliar nos ensina) ou quais são as lutas pelos sentidos que se estabelecem nelas. O que há dentro de uma palavra como alteridade? Quais as lutas pelos sentidos que se livram neste plano conceitual revelado nas práticas cotidianas concretas? Pensar a educação como alteridade implica entrar neste deslocamento e desnaturalizar

os sentidos ligados à representações (significados) já dados para a educação, por exemplo. Pensar a educação na perspectiva da alteridade não pode não implicar o movimento de pensar a educação como alteridade. De novo inspirada em Carlos Skliar, penso a educação principalmente como uma prática política que implica um gesto óbvio e mínimo: estar juntos. Mas, um estar juntos que não seja rapidamente convertido em espaço livre de arestas, de gaguejos, de tensões, de traições, de traduções, de desconhecimento. Um estar juntos que nos possibilite, nos encontros tensos e intensos, pensar coisas que ainda não pensamos, escrever coisas que ainda não escrevemos, sentir coisas que ainda não sentimos, aprender coisas que ainda não aprendemos e por aí vai. Educar como exercício de alteridade é ampliar nossa abertura para uma relação com um outro que se mantenha na sua irredutibilidade. A grande pergunta é como traçar uma coisa em comum – como ensina Rancière nos mantendo como desconhecidos? Skliar disse que “educar é conversar entre desconhecidos” e penso que talvez isso seja pensar a educação como alteridade.

Quais as dificuldades em se trabalhar, nessa perspectiva, na educação hoje?

Talvez a maior dificuldade esteja numa prática muito comum dentro do campo da educação, e não só dentro dele, que tem a ver com não conseguirmos nos colocar disponíveis para passar por essa experiência de relação com o outro que não seja apenas um simulacro deste “estar juntos”, rapidamente capturado pela necessidade de nomear, explicar, categorizar e colocar em um espaço de uma certa tranquilidade racional que chega se anunciando na sua irredutibilidade. Por exemplo, atualmente, coordeno um projeto que estuda a tensão entre o discurso jurídico-legal das políticas

de inclusão contemporâneas destinadas aos alunos com deficiências e a paixão ética que, como efeito, se materializa no cotidiano escolar das escolas. E aí, um gesto tem chamado sistematicamente minha atenção. Ministrando a disciplina Educação Especial entro na sala, no primeiro ou segundo dia de aula e meus alunos, que estão se formando para serem professores, rápida e repetidamente reproduzem um gesto discursivo que venho enfrentando há vinte anos. Dizem (desde o alto de uma certeza) “professora, o problema é que os professores não estão preparados para receber esses alunos... nós não estamos preparados para isso” Ora, eles, ainda não professores, supostamente “estão se preparando”. Como diria Skliar “haveria que revisar qual é a pergunta da inclusão para que a resposta na escola comum seja, quase sempre, “não estamos preparados” para educar essa criança, esse jovem!” O gesto discursivo como efeito de uma política de formação que tematiza, caracteriza, sistematiza aquilo que foi considerado como anormal, sem enfrentar a necessidade de desconstruir a ideia de normalidade que atravessa a própria política de formação de professores. O gesto discursivo como efeito de uma política de formação que entende na “posse” dos instrumentos técnicos prévios a certeza do domínio ético da possibilidade do encontro pedagógico. Entendo que esse gesto discursivo não necessariamente se reverte pela exposição dos alunos a mais disciplinas, ou pela quantidade de políticas e leis que regulam o campo, etc. Minha aposta é o enfrentamento das dificuldades como experiência formativa e não a sua suposta superação pelo suposto controle técnico. Não que a técnica não seja importante, mas o “estar juntos” não pode ser apenas pensado e reduzido a uma questão técnica. Se assim fosse, com o excesso de técnica e de discurso jurídico que o campo educacional tem, o temor dos meus alunos e professores teria mudado há muito tempo. Então, a luta maior é no campo da representação: parece que tudo já está dado e apenas temos que replicar.

Quais são as possibilidades que os seus estudos têm mostrado?

Que bom que vocês perguntaram pelas possibilidades. Costumo dizer que trabalho apenas com possibilidades, que a maioria das vezes se resistem a ser enumeradas como resultados de pesquisa. Apenas como possibilidades me parece que o que os estudos que tenho feito (no mesmo campo habitado por outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros) é a produção de uma certa micropolítica, que como bem nos ensinou Deleuze e Guatarri, é uma experimentação ativa que pode se desenhar nas práticas dos sujeitos pelas brechas, pelos atalhos daquilo que já é esperado, planejado, controlado. Venho pensando – junto a Skliar e Perez de Lara, dentre outros – pelo menos duas possibilidades: a primeira, o questionamento da certeza de que para me encontrar com alguém – qualquer um - tenho que saber tudo sobre ele com antecipação, e con-

fundir algumas características de sujeito com o sujeito mesmo: por ex., confundir a surdez com Claudio, meu aluno surdo (sei tudo sobre surdez, sou especialista em educação de surdos, logo isso garante o êxito da minha relação com todos e qualquer surdo), etc. Isto só é possível, desconstruindo uma formação que se especializa em qualificar e quantificar a “anormalidade”, sem mexer na ideia da “norma” como se esta fosse “natural”. Pergunta: por que tematizar os alunos cegos e não estudar o porquê de uma escola centrada só em quem enxerga com os olhos? Por que tematizar os deficientes mentais e não problematizar uma pedagogia evolucionista e psicologicista que divide em etapas a experiência de aprender e assim materializa uma escola que tem tempos e currículos homogêneos normalizados?

A segunda possibilidade é questionar o mandato social histórico de que os professores e as escolas teriam, em prol do bem social, que fazer grandes peripécias políticas e pedagógicas. Questionar o mandato da educação salvacionista e dos professores heróis para apostar na potência mínima dos gestos de convivência: apostar na produção de uma “gestualidade mínima” (conceito me apresentado também por Carlos Skliar), mas convivência entendida como pura tensão, puro conflito, pura negociação de desejos, como diria o cineasta Eduardo Coutinho, que muito sabia de relações na alteridade: produção de uma certa micropolítica. O gesto mínimo vem antes de qualquer reforma nas leis, de qualquer proposta didática, de qualquer adaptação do currículo, de qualquer projeto político pedagógico. O gesto, que é político, antecede estes movimentos: é uma composição e uma passagem entre eles.

Por que pensar a questão da alteridade na educação especial?

Acho que tenho respondido esta pergunta nas anteriores, mas entendo ser necessário enunciar no campo da educação especial, que é um campo profundamente marcado pelo paradigma médico-clínico e pelas práticas de normalização dos sujeitos, que pensar a alteridade traz como efeito uma certa produção de uma discussão ética, estética e política que coloca em questão os mecanismos que têm contribuído para conformar certos discursos de verdade. Discursos de verdade sobre o outro. Sobre o outro. Entendo que estamos enfrentando – em tempos de uso de palavras como diversidade e tolerância – novos agenciamentos políticos do próprio campo da educação especial, o que expressam reconfigurações nas linhas de poder e de saber, agora ligadas muito mais a um discurso que não problematiza os espaços nos quais podemos estar juntos e atribui e normatiza apenas um desses espaços como possível: apenas a sala de aula das escolas regulares. Ora, com propostas profundamente normalizadoras. Pensar a alteridade na educação especial passa, talvez, por insistir na afirmação da diferença pela diferença e não pela diversidade, seja ela localizada espacialmente em qualquer espaço.

Quais são os desdobramentos e contribuições desse projeto no contexto social e acadêmico?

Atualmente estamos fechando o projeto de pesquisa “Diferenças e Alteridade...” então podemos apresentar alguns desdobramentos e efeitos. O projeto em questão apresentou-se como uma possibilidade de levantar os saberes e experiências escolares praticados no cotidiano da rede municipal de ensino em São Gonçalo para tentar compreender como se concretizam/materializam as políticas públicas inclusivas fundamentalmente após a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e das Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Logo no início da nossa pesquisa, após reiteradas e frustradas tentativas de aproximação com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo, para o levantamento dos dados necessários a fim de entender a forma em que a chamada educação inclusiva se implantava no município, decidimos mudar/ampliar o espaço de pesquisa para a rede de ensino de São Gonçalo, estendendo as possibilidades de estudo fundamentalmente para a rede estadual (Rede Estadual). Assim durante três anos o projeto foi desenvolvido no CIPPNE (Centro de Integração para Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais) principalmente em duas das instituições que funcionam dentro do Centro: o CIEP 236 (Professor Dejour Cabral Malheiros) e o NAPES (Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado)

Desta intensa afetação e intervenção com a pesquisa alguns efeitos e desdobramentos podem ser considerados:

- formação de um grupo de estudos que funciona semanalmente na FFP - desde 2010 - e que convoca estudantes da graduação, mestrandos e professores da rede;

- acompanhamento mensal e estudo – durante um ano - das propostas de formação continuada do NAPES direcionadas aos professores da rede estadual fundamentalmente a partir das demandas e desejos dos participantes, em 2011. O trabalho sistematizado foi entregue aos profissionais do NAPES que – a partir de alguns resultados - orientaram a oferta de formação.

- organização do Curso de Extensão A Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (aprovado pelo DEPEXT-UERJ), em 2012 - (a partir do estudo das narrativas e desejos dos professores dos cursos do NAPES). O objetivo do curso foi proporcionar conhecimentos introdutórios sobre as diferentes dimensões que envolvem a implementação da Política de

Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, também sobre a implementação do Atendimento Educacional Especializado conforme as diretrizes do Ministério da Educação e oferecer possibilidades de intervenção através da elaboração de Planos de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado. O curso alcançou o número de 100 inscritos, porém devido ao espaço reduzido disponível para o evento, oferecemos vagas para apenas 60 professores de 9 municípios do Estado do Rio de Janeiro, sendo: São Gonçalo, Niterói, Cantagalo, Itaboraí, Macaé, Maricá, Rio de Janeiro, São João de Meriti e São Pedro da Aldeia.

- levantamento e registro das memórias do CIPNNE- CIEP 236: a partir de um trabalho coletivo, reunindo a coordenadora do projeto, bolsista de IC, professores, diretores e funcionários do CIEP 236 e professores da FFP/UERJ, que incluiu estudo de documentos, fotografias, estudo de leis, entrevistas, conversas, conseguimos sistematizar as histórias e memórias do CIEP 236 contadas pelas pessoas que participam e participaram cotidianamente desta construção. O texto final foi apresentado em diferentes eventos acadêmicos e entregue à instituição como documento – diríamos que único e inicial – de sistematização dos processos institucionais do campo da educação especial e da educação inclusiva de São Gonçalo;

- Aprofundamento no campo problemático de pesquisa sobre o Atendimento Educacional Especializado. Neste aprofundamento, contamos, a partir do mergulho no cotidiano, as potencialidades e dificuldades que encontramos no dia a dia escolar, no que se refere ao atendimento especializado dos alunos com deficiências. Todas as observações, reflexões, dificuldades, experiências vividas no CIEP, durante o período de 2012 e 2013, foram registradas em diários de pesquisa, dispositivos de análises de reuniões semanais e, posteriormente foram sistematizadas.

- Análise da construção de um dispositivo pedagógico – as avaliações pedagógicas – que produzem a marca nos sujeitos definidos como diferentes e que são a “porta de entrada” para o Atendimento Educacional Especializado. Nosso trabalho propôs uma expansão dos sentidos de algumas palavras escritas nas fichas de avaliações pedagógicas como um exercício de habitar de forma múltipla esse espaço escrito que revela e expõe sentidos políticos, estéticos e éticos.

- organização do Curso de Extensão Introdução aos Estudos Surdos em Educação (aprovado pelo DEPEXT-UERJ) em 2013 como desdobramento das demandas do primeiro curso de extensão realizado em 2012.

¹Uma das produções que se desdobraram deste trabalho foi o Trabalho de Monografia do Curso de Pedagogia produzido pela Bolsista de IC-FAPERJ Gilcélia Baptista intitulado “Reflexões sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE), Políticas Públicas e práticas cotidianas na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: o cotidiano no CIPNNE/CIEP 236/237” e apresentado na FFP em agosto de 2013.

²Uma das produções que se desdobraram deste trabalho foi o Trabalho de Monografia do Curso de Pedagogia produzido pela Bolsista de IC-UERJ Bruna Pontes intitulada “Quando o olhar mancha: a marca da anormalidade (na escola) através dos laudos” e apresentada na FFP em agosto de 2013.



Pesquisador: Rosane de Fátima Antunes

Título: O Padrão Arquepídico da Alteridade e o Compartilhamento de Conhecimento em Ambiente Virtual de Aprendizagem Inclusivo

Tipo de Pesquisa: Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina

O impacto das Tecnologias da Informação e da Comunicação na sociedade instaurou um novo e complexo espaço global para a ação social e, por extensão, para a ação educativa. Nessa direção, emerge o ambiente virtual de aprendizagem, como potencializador de processos de compartilhamento de conhecimento. Entretanto, o caráter colaborativo, dinâmico e socializador desses ambientes não permitem às pessoas com deficiência visual ou deficiência auditiva adaptarem-se à ruptura provocada por esse novo paradigma. Ante tais constatações, esta tese tem como objetivo propor recomendações para processos de compartilhamento de conhecimento em Ambiente Virtual de Aprendizagem Inclusivo. Nessa perspectiva, a pesquisa apóia-se na convergência interdisciplinar entre: 1) a Teoria da Cognição Situada, para sinalizar caminhos e possíveis trajetórias na compreensão do tecido social da aprendizagem, e 2) a Pedagogia Simbólica Junguiana, para auxiliar na compreensão psicológica das relações estabelecidas entre os usuários. Fundamentalmente, a presente tese busca formalizar o encontro dessas abordagens em ambientes suportados por tecnologias da informação e da comunicação, bem como potencializar a Teoria da Cognição Situada, com a contribuição dos instrumentos junguianos. Nesse intento, o percurso metodológico adotado – técnica do grupo focal, permitiu reunir características de aprendizagem das pessoas com

deficiência visual, com deficiência auditiva e pessoas sem deficiência. Com as observações nos diferentes grupos focais, e com base na fundamentação teórica, foi possível desenvolver um conjunto de quarenta e cinco recomendações, distribuídas em seis categorias: Perspectivas, Alunos, Design Instrucional, Procedimentos, Conteúdos Simbólicos e Recursos Hipermediáticos. Por conseguinte, a aplicação do Método Delphi permitiu a análise interativa de especialistas de diferentes áreas de conhecimento, viabilizando o consenso na adequação e coerência das recomendações para processos de compartilhamento de conhecimento em Ambiente Virtual de Aprendizagem Inclusivo no padrão arquetípico da Alteridade.



Pesquisador: Rosangela N. da Fonseca Jacob

Título: Alteridade na Escola Regular: Uso de Alternativas de Comunicação e de Linguagem para a Inclusão de Alunos com Múltipla Deficiência Sensorial

Tipo de Pesquisa: Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura

Instituição de Ensino: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Alunos com múltipla deficiência sensorial apresentam formas de comunicação e linguagem bastante específicas, sendo este o grande desafio da escola regular, quando da inclusão destes alunos na sala comum. Deste modo, a presente pesquisa fundamentou-se nas definições e caracterizações da múltipla deficiência sensorial e nas formas de comunicação pré-simbólica e simbólica, destacando as possibilidades de comunicação e linguagem de indivíduos com esta deficiência. Com suporte na teoria de Vigotski e contribuições da teoria de Bakhtin, discutiu-se e investigou-se a importância das trocas entre os pares para a efetivação da comunicação e linguagem dos

indivíduos. Com o objetivo de conhecer os processos dialógicos entre professor e aluno com múltipla deficiência sensorial, a pesquisa teve como recurso de coleta de informações: entrevistas, observações e registros em vídeo. A análise do material coletado levou à conclusão de que a professora que recebeu orientação especializada sobre as especificidades das formas de comunicação e linguagem de alunos com múltipla deficiência sensorial realiza adequações para a efetiva inclusão do aluno; no entanto, a professora que não recebeu a mesma orientação, apesar da intenção para as adequações, não consegue concretizar ações que viabilizem a inclusão do aluno.



Pesquisador: Tania Maria Goretta Donato Bazante

Título: A Aceitação como Núcleo Central na Afirmação da Pessoa com Deficiência no Mundo Desafio Paradigmático à Educação Especial

Tipo de Pesquisa: Doutorado em Educação

Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa

O trabalho aqui apresentado registra um processo de investigação que é fruto de uma vivência enquanto pesquisadora e profissional de educação que, em sua construção buscou, ao aproximar-se de pessoas com deficiência e de sua história, interpretar os elementos com os quais se desafiam nos enfrentamentos da vida e de como conseguem estabelecer um movimento de prazer e criação, apesar dos processos de desigualdades social, econômica, cultural e afetiva a que são submetidos constantemente. Nessa direção, as andanças do trabalho traçam reflexões e proposições quanto às ações vivenciadas pelas pessoas com deficiência, colocando a centralidade do encontro no cuidado com o



outro, uma relação de alteridade que fortalece a aceitação da diferença. Para tanto, a pesquisa buscou estabelecer uma relação entre as trajetórias e sentimentos presentes nas narrativas de pessoas com deficiência e os elementos históricos da Educação Especial, especificamente a partir dos paradigmas da Integração e da Inclusão; analisar, a partir da história da pessoa com deficiência e da história da Educação Especial, as trajetórias vivenciadas e a forma como foram sendo produzidas as relações com o mundo, com a dança da vida. A caminhada metodológica se constituiu, a partir das narrativas, momentos em que a escuta localizou os sentimentos e atitudes que definem as dimensões da educação e da escola, do trabalho, da família e das relações de pertencimento da pessoa com deficiência no mundo. Um fio que se reveste de sentido e de significado e que tem como objetivo maior compreender que a presença da pessoa com deficiência em associações configura o estar no palco de lutas, espaço onde cria um campo epistemológico, político e educativo que es-

tabelece a sinergia de diferentes fronteiras. O processo de investigação aponta para uma necessidade de superação da lógica dual e dicotômica presente nos paradigmas da Educação Especial e de ciência, localizando no Princípio Biocêntrico esse caminho, uma vez que, ele rejeita as ideologias idealistas que promovem a separação, numa lógica dual própria do pensamento cartesiano, fortalecendo a urgência de que é preciso compreender e sentir a vida como centralidade ética e ecológica.



Pesquisador: Samuel Dagoistin Galdino

Título: Patrimônio Ético: A Questão da Alteridade na Educação Inclusiva a Partir da Filosofia de Emmanuel Lévinas.

Tipo de Pesquisa: Mestrado Acadêmico em Patrimônio Cultural e Sociedade

Instituição de Ensino: Universidade da Região de Joinville

A presente dissertação intenta realizar uma reflexão e pesquisa de caráter humanístico, destacando a relação entre a filosofia de Emmanuel Lévinas e a inclu-

são de pessoas com deficiência em escolas regulares, evidenciando o patrimônio ético como elemento fundante deste debate. Incluem-se neste íterim, a abordagem da crise de valores éticos na pós-modernidade e as respectivas imbricações no campo da cultura, mais especificamente nos termos de patrimônio, memória e identidade, características essas fundamentais na formação da identidade cultural do indivíduo e da sociedade. De fato, ao romper com a modernidade, a pós-modernidade também significa ruptura com os referenciais éticos vigentes. Abre-se nas mais diversas áreas do convívio humano, uma crise de paradigmas. Especialmente dentro da perspectiva da cultura, a pós-modernidade lança novos desafios, que requerem, em grande medida, o gestar de um novo ethos, humano e, por conseguinte, cultural, e nisto, trazemos a perspectiva ética de Lévinas como proposta à crise, bem como, sustentamos a urgência e relevância do patrimônio ético do indivíduo como elemento agregador da intersubjetividade no âmbito da escola.

E NO IBC?



Fresh K. Kamota, Mariana G. da Silveira e Tielle L. R. da Silva, alunos de graduação em Enfermagem da UERJ, desenvolvem a pesquisa “o cuidado de enfermagem na percepção do deficiente visual”. O estudo, que tem como público-alvo deficientes visuais maiores de 18 anos em regime de reabilitação, pretende compreender a percepção dos participantes da pesquisa sobre o cuidado oferecido pelos profissionais de enfermagem, a fim de promover as ações de prevenção concernentes à reabilitação de deficientes visuais.



“Motivação no Processo de Ensino-Aprendizado de Alunos com Baixa Visão” é a pesquisa realizada por Bárbara B. Wepler, aluna do programa de pós-graduação em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva da UERJ. A investigação objetiva “alcançar uma perspectiva geral a análise do processo de alfabetização com crianças de baixa visão”.



Cristiane V. Maciel, mestranda em Educação da UFRJ, elabora a pesquisa “De Alunos a Professores: A Identidade Profissional (Docente) na História do Instituto Benjamin Constant”. A investiga-

ção busca “compreender a trajetória profissional de ex-alunos do Instituto Benjamin Constant que se tornaram professores desse mesmo estabelecimento de ensino”.



A pesquisa “Braille e-book para deficientes visuais”, proposta por Bernardo Herzg, Felipe Costa, Giovana e Luiza Azambuja, graduandos do curso de Administração de Empresas da PUC-RIO, teve como objetivo “desenvolver um projeto de marketing sobre o consumidor de livros em Braille e livro falados”.

ERRATA: EDIÇÃO DE JANEIRO

pesquisas cadastradas e/ou renovadas em 2012 e com continuidade em 2013



Helena de S. Ferreira, professora do Instituto Benjamin Constant, realizou a pesquisa “Por que não passei? Representações sociais de alunos com deficiência visual sobre fracasso escolar”. O estudo, vinculado ao mestrado em Ciências da Educação da Universidad Americana, destinou-se a: “(1) investigar quais crenças, valores e comportamentos de alunos são desenvolvidos por estes a partir de sucessivas reprovações e como estas influenciam em sua trajetória acadêmica e profissional; (2) verificar como é a relação dos sujeitos da pesquisa com professores, analisando que valores, comportamentos e práticas estruturam esta relação”.



Amélia P. de Jesus, professora do Instituto Benjamin Constant, desenvolveu pesquisa de mestrado em Ciência da Educação pela Universidad Americana. O tema foi “Práticas Educativas para uma Vida Independente e a Construção da Autonomia da Criança com Deficiência Visual: Limites, Perspectivas e Referências para o Trabalho Docente”. A pesquisa de cunho descritivo exploratório teve como objetivos específicos: “(1) caracterizar as diferentes práticas educacionais necessárias ao desenvolvimento global da criança com deficiência visual; (2) investigar as contribuições destas ações na busca pela autonomia, cidadania, inclusão social deste público; (3) avaliar a importância do processo educacional na aquisição da auto-estima da criança com deficiência visual”.

O QUE HÁ DE NOVO?

Tecnologias para deficientes visuais

Além dos softwares como os leitores de tela e os sintetizadores de voz, que traduzem em informação sonora o conteúdo visual do monitor, existem outros programas como o Openbook e o Jaws que, conjugados, permitem a leitura sonora de qualquer informação em papel. Com o scanner, o Openbook passa o texto do papel para a tela e depois o Jaws encarrega-se de traduzir o conteúdo em informação sonora.

Hoje, um cego não só pode navegar pelas páginas da Internet como também produzi-las, participar em chats, ler jornais e revistas, fazer compras, fazer cursos on-line, ter acesso a manuais, informação em geral, a prestadoras de serviços, enfim, quase tudo que a WEB pode oferecer aos seus utilizadores.

Há também a possibilidade de trabalhar com o computador e ao mesmo tempo com o sistema Braille, mediante um periférico denominado terminal ou linha Braille. Ligado ao computador, ele permite que o cego se certifique do que escreveu, embora este processo de verificação da escrita possa também ser realizado apenas com o computador, utilizando o teclado e os softwares já mencionados.

Fonte: www.lerparaver.com

Aplicativo melhora vida de deficientes visuais

Ferramenta pode ser baixada gratuitamente em telefones celulares com o sistema operacional Android

Está disponível para download em smartphones o aplicativo CPqD Alcance, desenvolvido com recursos do Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (Funttel), gerido pelo Ministério das Comunicações. O objetivo da ferramenta é facilitar o uso de dispositivos móveis por pessoas com deficiências visuais.

Disponível para smartphones com tela sensível ao toque baseados no sistema operacional Android, a aplicação do CPqD utiliza recurso de narração automática por síntese de voz para facilitar o acesso do usuário às principais funções do aparelho. Essas funções são representadas por ícones na tela touchscreen do smartphone. Na medida em que a pessoa desliza o dedo sobre a tela, uma voz sintetizada informa a função correspondente àquela área. Com mais um toque, o usuário tem acesso à função: realizar e receber ligações, enviar e receber mensagens de texto (SMS), consultar o histórico de ligações, o nível de bateria, a data e hora e a lista de contatos telefônicos, entre outras.

Além dessas funções básicas, o sistema oferece também algumas funções avançadas, como despertador (com lembrete de voz), localização e auxílio ao deslocamento, tocador de música e leitor de arquivos de texto, por exemplo. O objetivo é dar mais autonomia e privacidade à pessoa com deficiência visual.

O foco inicial do projeto são as mais de 6,5 milhões de deficientes visuais ou com grande dificuldade permanente de enxergar existentes no Brasil, de acordo com o Censo 2010 do IBGE. Mas a aplicação pode beneficiar também outros usuários de smartphones, como pessoas com baixo letramento ou pouco familiarizadas com tecnologia - como idosos, por exemplo.

Para fazer o download gratuito do CPqD Alcance, basta acessar a loja Google Play, no próprio aparelho, e procurar pelo aplicativo.

Fonte: *Ministério das Comunicações*
<http://www.mc.gov.br/>



A revista Benjamin Constant está recebendo artigos com o tema:

**“MULTISSENSORIALIDADE,
CEGUEIRA, BAIXA VISÃO
E SUAS CONEXÕES”**

para publicação nos volumes 1 e 2 da edição nº 57 deste ano, até o dia 31 de Julho de 2014.

**XI COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES
CURRICULARES / VII COLÓQUIO LUSO-BRA-
SILEIRO & I COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASI-
LEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES**

Braga - Portugal

Inscrições de trabalhos:
18, 19 e 20 de setembro de 2014

<http://webs.ie.uminho.pt/coloquiocurriculo/>

**VIII ENCUENTRO
INTERNACIONAL DE LA RIIIE**

Ocorrerá em outubro de 2014,
na cidade de Medellín, Colombia.

<http://riie.iztacala.unam.mx/>

**12ª JORNADA DE
EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Marília - SP
18 a 20 de agosto de 2014

**Inscrições de trabalhos:
01 de abril a 16 de junho de 2014**

<http://www.fundepe.com/jee2014/index.php#.U0aX86hdU9J>

**XVII ENDIPE/2014 - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO -
A DIDÁTICA E A PRÁTICA DE ENSINO NAS RELAÇÕES ENTRE
A ESCOLA, A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A SOCIEDADE.**

Fortaleza -CE
11 a 14 de novembro de 2014

Inscrições dos trabalhos: 02/12/2013 a 31/07/2014

endipe2014@gmail.com

<http://endipe.pro.br/site/xvii-endipe2014/>

**IX SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E
PROPOSTAS - A ESCOLA E SEUS SENTIDOS**

Público alvo: Professores de CAPs, funcionários técnico-administrativos e estudantes de graduação, de cursos de licenciaturas, e professores das demais escolas que atendam à Educação Básica.

Realização: 04/09/2014 a 06/09/2014

Inscrições: 20/05/2014 a 25/08/2014

<http://www.cepuerj.uerj.br>

CURSOS OFERTADOS PELO IBC NOS MESES DE MAIO, JUNHO E JULHO DE 2014

Baixa Visão: Possibilidades e dificuldades dos alunos norteando o trabalho docente

Data do curso: 05 a 09/05/2014

Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs

Período de pré-inscrição: 03 a 28/02/2014

A Ciência da Motricidade Humana como Facilitadora da Leitura e Escrita do Deficiente Visual

Data do curso: 12 a 16/05/2014

Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs

Período de pré-inscrição: 17/02 a 14/03/2014

Aspectos Educacionais na Surdocegueira

Data do curso: 10/05 a 07/06/2014

Dias e horários do curso: Sábados, das 08 às 17hs

Período de pré-inscrição: 10/03 a 11/04/2014

Orientação e Mobilidade

Data do curso: 10/05 a 07/06/2014

Dias e horários do curso: Sábados, das 08 às 17hs

Período de pré-inscrição: 10/03 a 11/04/2014

Soroban – Metodologia: Menor Valor Relativo

Data do curso: 02 a 06/06/2014

Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs

Período de pré-inscrição: Prorrogado até 02/05/2014.

Alfabetização no Sistema Braille – Turma 2 –

Data do curso: 14 a 18/07/2014

Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs

Período de pré-inscrição: 14/04 a 16/05/2013.

Soroban – Metodologia: Maior Valor Relativo

Data do curso: 14 a 18/07/2014

Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs

Prorrogado até o dia 06/06/2014.

Introdução à Áudio-Descrição

Atenção: a data de realização do curso foi alterada para 28/07 a 01/08/2014 (turma I, com a professora Ana Fátima Berquó) e 04 a 08/2014 (turma II, com a professora Nadir da Silva Machado, aberta devido a alta procura). Dias e horários do curso: Diariamente, das 8 às 17 hs
INSCRIÇÕES ENCERRADAS!

EXPEDIENTE

Direção Geral do Instituto Benjamin Constant
Maria Odete Santos Duarte

Gabinete do Instituto Benjamin Constant
Maria da Glória de Souza Almeida

Departamento Técnico Especializado
Ana Lúcia Oliveira da Silva

Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação
Claudia Lucia Lessa Paschoal

Centro de Estudos e Pesquisas
Allan Paulo Moreira dos Santos
Angélica Ferreira Beta Monteiro
Fabiana Alvarenga Rangel
Márcia de Oliveira Gomes
Rachel Maria C. M. de Moraes

Comissão Editorial
Daniele de Souza Pereira
Paolla Cabral Silva Brasil
Rodrigo Agrellos Costa
Virgínia Cecília da Rocha Louzada
Vitor Alberto da Silva Marques

Diagramação
Domingos Octávio D.F. Souza
Jornalista responsável
Domingos Octávio D.F. Souza

Contatos
IBC - DDI
Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240
tel. (21) 3478-4517

Email:
ddicentrodeestudo@ibc.gov.br

Tiragem
1000 exemplares

Remetente:



Instituto Benjamin Constant

Avenida Pasteur, nº 350,
Urca-RJ
Rio de Janeiro
CEP: 22290-240

Destinatário:

